

QUE TEM A VER ROMA COM RUA AZUSA? Introdução teológica ao Diálogo Católico-Pentecostal

What does Rome have to do with Azusa Street?
Theological introduction to the Catholic-Pentecostal Dialogue

Bruno da Silveira Albuquerque*

Resumo

A presente reflexão busca refletir resumidamente o estado da questão e uma possível perspectiva para o diálogo entre cristãos católicos e cristãos dos pentecostalismos de matriz protestante, incluindo também a renovação carismática no interior da própria Igreja Católica. Tentaremos, assim, entrever alguns passos já esboçados na direção desse diálogo. E, por fim, pensaremos na ideia teológica de *pentecostalidade*, a qual tem se apresentado como possibilidade de ampliar os horizontes desse caminho percorrido e de superar as dificuldades encontradas, no vasto campo da reflexão sobre o Espírito Santo.

Palavras-chave

Ecumenismo; Igreja Católica; Pentecostalismos; Diálogo; Pentecostalidade.

1. OS PENTECOSTALISMOS E MOVIMENTOS CARISMÁTICOS DESAFIAM O DIÁLOGO ECUMÊNICO

O documento “Do conflito à comunhão” é um texto redigido por uma comissão internacional composta por líderes católicos e luteranos, publicada por ocasião da comemoração conjunta dos 500 anos do início da Reforma de Lutero. De acordo com esse documento, os movimentos pentecostais representam um desafio ao diálogo ecumênico. Logo no primeiro capítulo do texto, afirma-se que “esses poderosos movimentos destacaram novas ênfases que fizeram parecer obsoletas muitas das antigas controvérsias confessionais”¹. Os movimentos pentecostais integram-se à

* Doutorando em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Teologia na mesma concentração. Graduado em Teologia, História e Filosofia. Professor da Faculdade Iguazuana de Teologia, Nova Iguaçu/Rio de Janeiro.

E-mail: poeta.bruno@gmail.com

¹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS – FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade.*

época de um pluralismo mais amplo, o qual cerceia as convicções mais pretensiosas e interpela todos os cristãos a um diálogo constante:

Enquanto os aniversários anteriores da Reforma tiveram lugar em países confessionalmente homogêneos, ou em países onde a maioria da população era cristã, hoje os cristãos vivem mundialmente em ambientes multirreligiosos. Esse pluralismo põe um novo desafio para o ecumenismo, não tornando o ecumenismo supérfluo, mas, ao contrário, ainda mais urgente, uma vez que a animosidade de oposições confessionais prejudica a credibilidade cristã. A maneira como os cristãos lidam com diferenças entre eles pode revelar algo sobre sua fé a pessoas de outras religiões².

O documento em questão demonstra uma preocupação imediata com a “credibilidade cristã”, o que certamente denuncia a *crise* já instaurada dessa mesma credibilidade. Não há como negar que os jogos de poder, processos de colonização e de legitimação de hegemonias cristãs geraram feridas históricas que contribuíram gradualmente para a crise dos cristianismos ocidentais. Assim, para livrar-se dos estereótipos, tem-se feito necessário que as Igrejas repensem sua missão no mundo a partir do diálogo intercultural³, reconhecendo a decadência natural da *cristandade*, ou o desenvolvimento de uma “pós-cristandade”⁴.

Fato é que a crítica de historiadores tem demonstrado que a cristandade de estilo medieval não pode ser considerada um paradigma ideal e saudável para a relação entre religião e cultura⁵. Fato também é, segundo Peter Berger, que “a confluência de dois movimentos modernos, a ampla difusão do pluralismo como um fato e da liberdade religiosa como uma norma política, se tornou agora um fenômeno global”⁶. Outro sociólogo, Alain Touraine, buscando um conceito de modernidade, constatou que:

Se as religiões proclamam crenças e uma revelação de alcance universal, elas não definem absolutamente os direitos do indivíduo como tais, mas, ao contrário, a igual submissão de todos os indivíduos a uma vontade divina ou a uma sabedoria revelada. Quando um poder espiritual comanda o poder temporal ou se mistura a ele, cria-se

Brasília: Edições CNBB, 2015, p. 17, n.14. (“DCC”, daqui em diante. Indicaremos apenas a sigla e o número citado.).

² DCC, n. 15.

³ FORNET-BETANCOURT, R. *Religião e interculturalidade*. São Leopoldo: Nova Harmonia/Sinodal, 2007, p. 9-33.

⁴ JENKINS, P. *A próxima cristandade. A chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 27-31.

⁵ MIRANDA, M.F. *Existência cristã hoje*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 136.

⁶ BERGER, P. *Os múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 101.

uma comunidade, definida pela pertença de seus membros ao corpo de crenças e de práticas de uma religião, e que o poder temporal deve fazer respeitar⁷.

O surgimento dos pentecostalismos do século XX pode ser interpretado de várias formas. Do ponto de vista histórico, é uma reação *crítica* às práticas das tradições protestantes e católicas que já não eram capazes de responder às demandas da modernidade. Sob o ponto de vista sociológico, os pentecostalismos também sinalizam o *pluralismo* atual. Do ponto de vista teológico, eles podem ser um sinal *escatológico* do fim dos tempos⁸ ou um apelo do próprio Espírito Santo à atualização da mensagem cristã.

2. DO MOVIMENTO ECUMÊNICO AO VATICANO II

Em meio à crise da cristandade e da desconfiança moderna ante suas pretensões de universalização, o século XX conheceu uma rápida *trans-formação* de cenários, cosmovisões religiosas e da consciência dos atores sociais no contexto ocidental. Ao mesmo tempo em que o chamado pentecostalismo clássico se desenvolvia nos EUA, na Europa e na América Latina, a Igreja Católica já dava sinais de estar atenta às novas sensibilidades e experiências cristãs.

Em 1º de janeiro de 1901, enquanto cristãos pentecostais já anunciavam suas verdades de fé em Kansas, nos EUA, o Papa Leão XIII, em Roma, publicamente confiava o *novo século* ao Espírito Santo⁹. O mesmo pontífice já havia deixado sobre o Espírito Santo uma Exortação Apostólica em 1895 e uma encíclica em 1897. Na Carta encíclica *Divinum Illud Munus*, do Papa Leão XIII, publicada em 1897, observa-se seu caráter *apologético* muito acentuado diante de tendências que desacreditavam da Trindade divina, possivelmente influenciadas pelo liberalismo alemão. É uma exposição doutrinal escrita para defender a fé católica dessas tendências. Nessa época também apareciam grandes reflexões do *Movimento Litúrgico* entre monges, cardeais e acadêmicos católicos na Europa.

⁷ TOURAINE, A. *Um novo paradigma: Para compreender o mundo de hoje*. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 87-88.

⁸ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO. *Tornar-se cristão: Inspirações da Escritura e dos textos da patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010, p. 136, n. 246. [Relatório da Quinta Fase do Diálogo Internacional Católico/ Pentecostal (1998-2006)].

⁹ *Tornar-se cristão*, n. 271.

Em 1910, iniciou-se o Movimento Ecumênico no interior da Igreja Católica, convergindo historicamente com o Movimento Litúrgico¹⁰. Porém, os protestantes reivindicam o termo *Movimento Ecumênico*, como iniciativa destes já em 1900, em uma conferência de teologia realizada em Nova Iorque¹¹.

Os católicos ecumênicos buscavam uma nova maneira de compreender e viver as relações entre as diferentes confissões cristãs, discernindo as novas interpretações e as novas vivências da fé. Por exemplo, em 1911, dois missionários suecos iniciavam em Belém do Pará um pentecostalismo que ficou conhecido como *Assembleias de Deus*, hoje a maior denominação evangélica no Brasil. Esse movimento pentecostal “inicia como contracultura ao catolicismo dominante, e concorrente do protestantismo de missão”¹². Trata-se de um impulso que estabeleceu novos espaços e novos atores no mosaico religioso que se formava no Brasil e na América Latina. Como consequência, a Igreja Católica compreenderá também a relevância desses fatos.

Não há como deixar de lado as motivações políticas e a preocupação com o *poter* na Igreja Católica em seu estímulo ao ecumenismo. O fato é que o Movimento Ecumênico, do ponto de vista teológico, convidou outras Igrejas ao diálogo na condição de *iguais* em dignidade, e assim foi aprendendo a perceber o valor intrínseco dos demais cristianismos no mundo. Portanto, inclusive, em 1949, o Santo Ofício reconheceu que Movimento Ecumênico “deriva da inspiração do Espírito Santo”¹³. No entanto, segundo o padre Libânio, essa forma de ecumenismo buscava tão somente fazer com que as outras igrejas separadas *retornassem* à Igreja Católica Romana¹⁴, provavelmente não muito mais do que isso. O início do ecumenismo católico seria um sinal daquela teologia reacionária segundo a qual a instituição católica “se basta a si mesma porque é uma sociedade perfeita, dotada de tudo o que necessita para realizar sua finalidade”¹⁵.

¹⁰ LIBÂNIO, J.B. *Igreja contemporânea: Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 55.

¹¹ TEIXEIRA, F. – DIAS, Z.M. *Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. A arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 27-31. Se estimulada com a mesma mentalidade das velhas missiologias coloniais, tal *disputa* pela história de quem começou um primeiro movimento ecumênico contemporâneo poderá assumir, paradoxalmente, um caráter *antiecumênico*, um impedimento ao diálogo ecumênico (!).

¹² ALENCAR, G.F. *Matrizes pentecostal brasileira. Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013, p. 44.

¹³ LIBÂNIO. *Igreja contemporânea*, p. 58.

¹⁴ LIBÂNIO, Op. Cit., p. 58.

¹⁵ MIRANDA, M.F. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 76.

Apenas com o Concílio Vaticano II (1962-1965), houve um esforço para superar, pelo menos em parte, essa visão centralizadora da Igreja Católica. Os documentos desse Concílio expressam fortemente uma tentativa de atualização religiosa, de um *aggiornamento*, que, por sinal, representou o espírito desse evento¹⁶ e a pretensão mais ousada de João XXIII.

Os documentos conciliares mais significativos para o ecumenismo católico são a Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), o Decreto sobre ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), a Declaração sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*) e a Constituição Dogmática sobre a revelação divina (*Dei Verbum*)¹⁷.

Sem dúvida, o Vaticano II apresenta um divisor de águas para o catolicismo e para sua conseqüente interpretação dos desafios contemporâneos, seja no âmbito cultural, sociopolítico ou religioso. Um horizonte ecumênico é discutido com mais abertura e clareza. Tanto que, de acordo com o teólogo Karl Rahner, o Vaticano II pode ser considerado o primeiro concílio propriamente “ecumênico”¹⁸. Sob essa orientação, percebeu-se que “o diálogo ecumênico é a busca comum da verdade da fé cristã”¹⁹. Em meio a esses novos processos, a Santa Sé criou comissões para o diálogo ecumênico com outras confissões cristãs. Entre elas, a Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal.

3. ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS DO DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL

A Comissão para o diálogo entre católicos e pentecostais foi criada em 1972, integrada ao Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos²⁰. Desde então, esse diálogo percorreu diversas fases²¹. A última fase desse diálogo foi concluída em 2015,

¹⁶ Citado em: VIDAL, M. *Teologia pública e o Concílio Vaticano II. Um “novo modo” de ser cristão no mundo*. Aparecida: Santuário, 2014, p. 48-49.

¹⁷ Cf. DCC, n. 90.

¹⁸ Citado em: VIDAL. *Teologia pública e o Concílio Vaticano II*, p. 12.

¹⁹ Cf. DCC, n.34.

²⁰ Cf. MAÇANEIRO, M. “Uma aproximação ao diálogo internacional católico-pentecostal”. In: *Revista de Cultura Teológica* 82. São Paulo: PUC-SP, 2013. Artigo acadêmico disponível in:> <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/17378>. Acesso em 10 Out 2017, 01:00h.

²¹ A 1ª fase, de 1972 a 1976; 2ª fase, de 1977 a 1982; 3ª fase, de 1985 a 1989; 4ª fase, de 1991 a 1997; 5ª fase, de 1998 a 2006; 6ª fase, de 2010 a 2015.

com os seguintes temas estudados pela Comissão: “Carismas”, “Discernimento”, “Cura” e “Profecia”²².

Sendo assim, o diálogo entre católicos e pentecostais assumiu um caminho próprio, mas ainda restrito ao continente europeu e aos EUA, devendo ampliar sua incidência sobre as massas de fiéis na América Latina.

Na reflexão e na experiência teológica cristã, uma autêntica abertura ecumênica não é facilitada sem o impulso do Espírito Santo. Tanto é que no mencionado documento “Do conflito à comunhão”, o Espírito é citado pelo menos 29 vezes, do início ao fim. Portanto, a pneumatologia torna-se assim eixo imprescindível também para o diálogo entre pentecostais modernos e tradições cristãs mais antigas. Em consequência, segundo Maçaneiro:

Uma das características do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal é considerar a experiência do “novo Pentecostes” como abordagem básica – por ser determinante para identidade comum das Comunidades participantes – numa espécie de “primado metodológico” sobre as particularidades denominacionais. Estas não são negligenciadas, mas incluem-se no correr dos encontros em torno dos temas centrais de cada fase do diálogo, na medida em que são debatidas pelas próprias denominações ali representadas²³.

Durante a 4ª fase do diálogo Católico-Pentecostal, a *Revista Internacional de Teologia Concilium*, que em 1996 já contava com trinta anos de existência, enfim assumiu pela primeira vez o compromisso programático de garantir espaço ao diálogo ecumênico com teólogos pentecostais. Jürgen Moltmann e Karl-Josef Kuschel eram diretores do comitê de Ecumenismo da revista. O fascículo 265/1996 da *Concilium*²⁴ atendeu bem às questões apresentadas naquela fase do diálogo, principalmente no tema Espírito Santo. Mas, infelizmente, esse projeto não foi levado adiante. Entre 1996 e 2015, muito pouco foi produzido nesse sentido²⁵.

No Brasil, são poucos programas de teologia em universidades católicas que possuem projetos e linhas de pesquisa voltadas para o tema dos pentecostais. A

²² Cf. a matéria completa em > <https://pt.zenit.org/articles/catolicos-e-pentecostais-passos-em-frente-no-dialogo-franco-e-frutifero/> Acesso em 10 out 2017, 00h:45min.

²³ MAÇANEIRO. Op. Cit.

²⁴ CONCILIUM – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. *Os movimentos pentecostais: Um desafio ecumênico*. Fascículo 265/1996. Petrópolis: Vozes, 1996.

²⁵ Desde 1996 até o ano de 2015, ano em que coincidiram os 50 anos do término do Vaticano II e da fundação da Revista *Concilium*, além de ter sido o ano do encerramento da sexta Um desafio ecumênico. Fascículo 265/1996. Petrópolis: Vozes, 1996. fase do diálogo Católico-Pentecostal, só constatamos três artigos específicos sobre os pentecostais: de Brenda Carranza (fascículo 296/2002), David Lehmann (fascículo 301/2003) e Ludovic Lado, SJ (fascículo 317/2006).

falta de continuidade do diálogo na referida revista teológica é uma marca também em grande parte das pesquisas teológicas nas instituições católicas brasileiras.

Vale acrescentar que é possível observar que o diálogo Católico-Pentecostal não tem sido tão frutífero no campo estritamente *doutrinal* teórico quanto no campo *experencial*. O relatório final da quinta fase do diálogo Católico-Pentecostal contém declarações que puseram em relevo a experiência do *Pentecostes* do Espírito, ênfase nas duas tradições em diálogo. Incluindo também a renovação carismática católica, o relatório é certo em algumas conclusões que tira a respeito das convergências entre catolicismo e pentecostalismos no mundo moderno.

Em primeiro lugar, a recepção da renovação carismática católica a partir dos anos de 1960 é vista como um ponto essencial de convergência entre católicos e pentecostais de matriz protestante/ evangélica, facilitando a superação de qualquer hostilidade anterior²⁶; em segundo lugar, a descoberta substancial da *diversidade*, não só entre as diferentes denominações, mas no interior de cada uma delas, mediadas pela ação misteriosa do Espírito Santo e de seu batismo²⁷. Em seguida, a pergunta pelo derramamento *extra-sacramental* do Espírito Santo²⁸, o que pode ser considerado, no entanto, um conceito conflituoso para alguns católicos. Por fim, até mesmo a questão da *autoridade* na Igreja pode ser repensada, a partir do diálogo entre pentecostais e católicos, no qual a noção do discernimento sobre a experiência e a doutrina é posta em jogo²⁹.

Os movimentos pentecostais no contexto ocidental estimularam a resposta *orante e reflexiva* de alguns papas.

Certa culminância desses movimentos resultou no Concílio Vaticano II, que os católicos creem ter sido inspirado pelo Espírito Santo. No começo do Concílio, o papa João XXIII orou pedindo que ele fosse um novo Pentecostes. O concílio criou uma renovação na fé, na oração, na vida espiritual, na unidade cristã – sinais da presença do Espírito Santo. Em 1989 a nova percepção do Espírito Santo foi apoiada pelo papa João Paulo II com sua Encíclica *Dominum Et Vivificantem* sobre o Espírito Santo. Na vigília de Pentecostes em 1998, em Roma, o reconhecimento persistente da presença do Espírito Santo levou o papa João Paulo II, num encontro com 400.000 membros de movimentos espirituais católicos, a declarar que: “Podemos dizer que o que aconteceu em Jerusalém há 2000 anos atrás se renova neste praça esta noite. Como os

²⁶ *Tornar-se cristão*, n. 260.

²⁷ *Tornar-se cristão*, n. 261.

²⁸ *Tornar-se cristão*, n. 261.

²⁹ *Tornar-se cristão*, n. 282.

apóstolos daquele tempo, assim nos encontramos juntos nesta ‘sala superior’, cheios de ansiedade e orando pelo derramamento do Espírito”³⁰.

A declaração de um papa, como a que foi citada acima, seria possível sem uma presença marcante dos movimentos pentecostais, pelo menos aqueles movimentos chamados de pentecostalismo clássico?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IDEIA DE “PENTECOSTALIDADE” COMO PARADIGMA ECUMÊNICO

Para concluirmos nossa reflexão sobre o diálogo católico-pentecostal, propomos como perspectiva a noção teológica de *pentecostalidade*. Altmann explicou o termo pentecostalidade da seguinte forma: é a característica de um movimento livre do Espírito divino, que pode ser representado paradigmaticamente pelo pentecostalismo, mas não é idêntico a ele, nem se confina em suas fronteiras confessionais³¹. É necessário distinguir entre a *pentecostalidade* que é uma dimensão de experiência inerente a todos os cristãos indistintamente, e o *pentecostalismo*, que é uma construção histórica, pontual e específica de ser cristão no mundo moderno.

A definição mais original para o termo pentecostalidade veio com o teólogo peruano Bernardo Campos: “É aquele princípio e aquela prática religiosa moldados pelo acontecimento do Pentecostes”³². A pentecostalidade, assim, é força do Espírito, que faz da Igreja o Corpo de Cristo, Povo de Deus na história concreta da humanidade; princípio que rejeita todo e qualquer exclusivismo denominacional ou intolerância religiosa; princípio que está acessível a toda comunidade cristã, de forma latente ou manifesta.

A pentecostalidade contém a catolicidade da Igreja, e a catolicidade contém a pentecostalidade. São dimensões interpenetráveis da experiência cristã. Catolicidade é anterior ao catolicismo institucional, assim como pentecostalidade é anterior ao pentecostalismo histórico. A pentecostalidade sobrevive na tensão entre carisma e instituição, e é o alento para renovar as práticas estéreis que se *rotinizaram* nos pentecostalismos denominacionais. Assim, vale dizer que a pentecostalidade pode ser conside-

³⁰ *Tornar-se cristão*, n. 272.

³¹ ALTMANN, W. Experiência e teologia na tradição protestante. In: ANJOS, M.F. (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo/ Belo Horizonte: Paulinas/ SOTER, 1998, p. 171-173.

³² CAMPOS, B. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da Igreja. Debate sobre o pentecostalismo na América Latina*. Quito/ São Leopoldo: CLAI/ Sinodal, 2002, p. 85.

rada um paradigma para o diálogo ecumênico, pois, segundo Campos, “Pentecoste é a oposição definitiva e última à ameaça de Babel, como retorno ao caos e à divisão irreconciliável de toda classe, língua, gênero e etnia. Ser pentecostal implica necessariamente ser ecumênico”³³.

Pentecostalidade serve de categoria para a unidade dos cristãos e respeito às diferenças. Por que não dizer paradigma para a convivência humana universal? Ela não elimina divergências culturais e históricas, mas as reconhece e as transfigura em anúncio de esperança e em concretização permanente das utopias mais elevadas, no prazer de aprender a conviver na mesma *casa comum*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, G.F. *Matriz pentecostal brasileira. Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ANJOS, M.F. (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo/ Belo Horizonte: Paulinas/SOTER, 1998.

BERGER, P. *Os múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

CAMPOS, B. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da Igreja. Debate sobre o pentecostalismo na América Latina*. Quito/ São Leopoldo: CLAI/ Sinodal, 2002.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO. *Tornar-se cristão: Inspirações da Escritura e dos textos da patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONCILIUM – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. *Os movimentos pentecostais: Um desafio ecumênico*. Fascículo 265/1996. Petrópolis: Vozes, 1996.

FORNET-BETANCOURT, R. *Religião e interculturalidade*. São Leopoldo: Nova Harmonia/ Sinodal, 2007.

JENKINS, P. *A próxima cristandade. A chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIBÂNIO, J.B. *Igreja contemporânea: Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

MAÇANEIRO, M. “Uma aproximação ao diálogo internacional católico-pentecostal”. In: *Revista de Cultura Teológica* 82. São Paulo: PUC-SP, 2013.

³³ CAMPOS. *Da Reforma Protestante...*, p. 77.

MIRANDA, M.F. *Existência cristã hoje*. São Paulo: Loyola, 2005.

MIRANDA, M.F. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS – FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

TEIXEIRA, F.; DIAS, Z.M. *Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. A arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008.

TOURAINÉ, A. *Um novo paradigma: Para compreender o mundo de hoje*. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIDAL, M. *Teologia pública e o Concílio Vaticano II. Um “novo modo” de ser cristão no mundo*. Aparecida: Santuário, 2014.